

O registro analógico familiar à luz da rememoração benjaminiana: potências de ressignificação da história¹

Marthina de Alexandri Baldwin²

Marcio Markendorf³

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo

O presente trabalho analisa os registros audiovisuais familiares analógicos à luz da rememoração benjaminiana, entendida como leitura do passado pelos saberes do presente, com foco nas obras *Elena* (2012), de Petra Costa, e *Aftersun* (2022), de Charlotte Wells. O estudo, recorte da pesquisa de mestrado, insere-se no contexto pós-moderno de crise identitária (Hall, 2005) e de pós-memórias (Sarlo, 2007), refletindo sobre como imagens amadoras e privadas tornam-se dispositivos de elaboração histórica, atravessadas por uma estética de verossimilhança e performatividades diante da câmera. Com base em Walter Benjamin (2012), Jacques Le Goff (2003) e Maurice Halbwachs (2004), observa-se como tais registros rompem com a linearidade da História Oficial, instaurando discursos identitários e afetivos que, ao inscreverem memórias subjetivas no coletivo, tensionam a fronteira entre documento e monumento.

Palavras-chave: tempo; memória; registro analógico

Resumo expandido

Com a popularização das filmadoras analógicas a partir da década de 1980, numerosas obras audiovisuais familiares foram produzidas com execução amadora e conteúdo frequentemente banal; posteriormente, uma série de obras autorais foi realizada com o intuito de ressignificação — ou melhor, rememoração — desses registros, segundo o conceito de Walter Benjamin (2012). Julgadas inicialmente como meras filmagens particulares de caráter fútil, as imagens produzidas com filmadoras do tipo VHS (*Video Home System*) adquirem novos sentidos à memória individual e coletiva quando interpretadas à luz da rememoração benjaminiana: o passado lido através dos conhecimentos do presente, com a narração dos acontecimentos não como ocorreram, mas dotados de interpretações e simbolismos de quem narra.

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharela do Curso de Cinema da mesma instituição. E-mail: marthina.b@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Teoria da Literatura, professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com atuação no Curso de Cinema e no Programa de Pós-graduação em Literatura. E-mail: marciomarkendorf@gmail.com

Sob esse viés, a presente comunicação é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “O registro analógico familiar: memória e identidade em *Elena* (2012), de Petra Costa, e *Aftersun* (2022), de Charlotte Wells”. No contexto pós-moderno de crise identitária descrito por Stuart Hall (2005) e pelas “pós-memórias” (Sarlo, 2007) — heranças de eventos traumáticos não vivenciados diretamente, como ditaduras, guerras ou genocídios —, o vídeo familiar deixa de ser apenas um gesto de fixação do passado para tornar-se elemento impulsionador de micronarrativas que tensionam a História Oficial e oferecem novas formulações para a memória e as narrativas do eu.

O vídeo familiar, nesse contexto, revela-se um componente de potência identitária, sobretudo pelo “estar em cena” do cineasta, que estabelece um diálogo entre quem filma e quem é filmado. O resultado estético de “olhares, sorrisos, acenos que se dirigem diretamente para a lente” (Lins; Blank, 2012, p. 62-63) produz uma poderosa verossimilhança, conferindo densidade afetiva à imagem; contudo, mesmo essa intimidade é atravessada por elementos de encenação. A lembrança, construída e reconfigurada socialmente, ao ser mediada pelo aparato cinematográfico, também passa a ser encenada, dado o impacto dos recursos técnicos, observando-se uma tendência à discursividade mais memorialística e mitológica. Nessa lógica, os sujeitos, diante da câmera, “ressignificam suas falas e produzem discursividades distintas do cotidiano” (Cruz, 2014, p. 95), comportamento que incide diretamente sobre o aspecto identitário.

A fronteira entre documento e monumento, conforme propõe Jacques Le Goff (2003), é resultado do esforço das sociedades em impor ao futuro determinada imagem de si, e é nesse entremeio que o aparato cinematográfico se insere como operador simbólico da memória. Assim, o registro familiar, inicialmente voltado ao uso íntimo, torna-se arquivo capaz de construir sentidos coletivos, transformando-se em “memórias do mundo” (Lins; Blank, 2012). Tal movimento é coerente com a busca por pertencimento que marca as identidades em crise na contemporaneidade (Hall, 2005); para tanto, na perspectiva de Benjamin (2012), memórias individuais contêm traços das coletivas, na medida em que experiências subjetivas advindas da esfera privada podem reconfigurar a memória social, algo que será partilhado por Maurice Halbwachs (2004), ao situar o processo identitário como resultado da intersecção entre lembrança e memória — a primeira subjetiva, a segunda coletiva —, compondo um tecido comum de experiências partilhadas.

Sob a lógica de correlação entre identidade e espaços de lembrança privada, a rememoração benjaminiana pode ser observada como princípio estruturante para a elaboração de documentários e ficções que se valem de filmes familiares. Com suas sombras, borrões e cortes abruptos, as imagens de videocassetes, em diálogo com cartas, diários e declarações, instauram um fazer cinematográfico que rompe com a linearidade histórica, instaurando, no lugar da cronologia, um gesto fragmentado, afetivo e radicalmente subjetivo de rememorar. Ao final, delineia-se uma nova forma de escrita de si — sensível, atravessada pelo tempo e pela ausência — em que o registro familiar deixa de ser apenas testemunho do passado e torna-se operador ativo de memória, identidade e pertencimento no cinema contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CRUZ, Adriano. **A identidade no documentário Elena**. São Paulo: Revista Rebeca, ano 3 ed 5, 2014, p. 87-102.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Lorenzo Menezes. São Paulo: Vértice, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Maria Lucia Machado. Campinas: UNICAMP, 2003.

LINS, C.; BLANK, L. Filmes de família, cinema amador e a memória do mundo. *Significação*: Revista De Cultura Audiovisual, v. Ano 39, n. 37, p. 52-74, 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

FILMOGRAFIA

AFTERSUN. Ficção, longa-metragem, colorido, sonoro, Estados Unidos, 2022. Produção: Screen Scotland, AZ Celtic Films, Pastel, British Film Institute, Tango Entertainment, BBC Filmes, Unified Theory. Direção: Charlotte Wells. Duração: 2"02".

ELENA. Documentário, longa-metragem, colorido, sonoro, São Paulo, Brasil, 2012. Produção: Busca Vida Filmes. Direção: Petra Costa. Duração: 1"22".